
O conceito de teorias da conspiração em controvérsias sobre terraplanismo⁺

Leonardo Wilezelek Soares de Melo¹

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Universidade Estadual de Londrina

Moisés Alves de Oliveira¹

Universidade Estadual de Londrina

Londrina – PR

Resumo

O conceito de teorias da conspiração se tornou uma matéria de interesse nas discussões, acadêmicas e midiáticas, sobre negacionismo científico, sendo associado a distintas formas culturais: desconfiança vacinal, suposições sobre fraudes eleitorais etc. Neste artigo, nos firmamos em metodologias de mapeamento de controvérsias no intuito de seguir como o conceito de teorias da conspiração foi mobilizado em controvérsias sobre o terraplanismo, investigando como os atores produziram associações em uma mídia social (Facebook). Concluímos que o conceito de teorias da conspiração foi transformado, pela ação de atores específicos, em uma categoria depreciativa a englobar fenômenos negacionistas, como o terraplanismo.

Palavras-chave: *Teorias da Conspiração; Terraplanismo; Educação em Ciências; Mapeamento de Controvérsias.*

Abstract

The concept of conspiracy theories has become a matter of interest in academic and media discussions about scientific denialism, being associated with different cultural forms: vaccine mistrust, assumptions about electoral fraud, etc. In this article, we rely on controversy mapping

⁺ The concept of conspiracy theories in controversies about flat earth

^{*} *Recebido: 24 de fevereiro de 2023.*

Aceito: 4 de junho de 2023.

¹ E-mails: leonardowdemelo@gmail.com; moises@uel.br

methodologies in order to follow how the concept of conspiracy theories was mobilized in controversies about flat earthism, investigating how actors produced associations in a social media (Facebook). We conclude that the concept of conspiracy theories was transformed, by the action of specific actors, into a derogatory category to encompass denialist phenomena, such as flat earthism.

Keywords: *Conspiracy Theories; Flat Earth Belief; Science Education; Controversy Mapping.*

I. Introdução

Teorias da conspiração têm sido objeto de estudo de diversas perspectivas, que as tem associado a distintas formas socioculturais. Desde as narrativas de cunho sociopolítico, como aquelas conjecturando sobre a malevolência de sociedades e grupos secretos, como *Illuminati*, *Maçonaria*, *Pizzagate* e *QAnon* (HOSFTADTER, 2008; TUTERS; JOKUBAUSKAITĖ; BACH, 2018; TOLLEFSON, 2021); englobando as ponderações sobre complôs em torno de acontecimentos de saúde pública, como as desconfianças sobre a origem da COVID-19 e do HIV, a produção de vacinas, a adesão a tratamentos e o uso de máscaras (JOLLEY; DOUGLAS, 2014; WOOD; OLIVER, 2014; BOGART *et al.*, 2010; 2011; 2016; JOLLEY; DOUGLAS, 2017; ZOUMMPOURLIS *et al.*, 2020), sem falar em outros exemplares relacionados a temas tecnocientíficos, como as suspeitas em relação à atuação da comunidade científica internacional diante das mudanças climáticas (DOUGLAS; SUTTON, 2015) e as teses sobre um presumido complô envolvendo NASA, governos e comunidade científica com a finalidade de esconder a suposta verdade sobre o formato plano da Terra (ALBUQUERQUE; QUINAN, 2019; MARTINS, 2020).

Nesse seguimento, uma questão relevante de se mencionar é o fato de que nem toda teoria da conspiração pode ser qualificada como falsa por definição. Alguns boatos conspiratórios, como os que emergiram em torno do caso *Watergate*, nos Estados Unidos da América, envolvendo suspeitas sobre o ex-presidente Nixon ter tido envolvimento em um ataque à sede do Comitê Nacional Democrata, “começaram como uma teoria da conspiração aparentemente bizarra, mas acabaram se revelando verdadeiras” (WOOD; DOUGLAS; SUTTON, 2012). Talvez esse fato não fique tão evidente por conta do estigma carregado pelas teorias da conspiração, sobretudo nos casos nos quais os argumentos de conspiração defendidos são pouco suportados pelas evidências empíricas ou pela comunidade científica, fatores que costumam levar ao isolamento e à rotulação dos indivíduos envolvidos (LANTIAN *et al.*, 2018; JOLLEY; MELEADY; DOUGLAS, 2017).

Sendo assim, ainda que argumentos abertamente falsos ou injustificados possam estar associados às teorias da conspiração, a formação epistêmica desse conceito não deve ser reduzida à ocorrência deles, assunção que nos levou a inquirir sobre as motivações que podem

levar as pessoas a realizar esse tipo de associação. Em consideração a esse problema, nosso objetivo neste artigo foi mapear mobilizações do conceito de teorias da conspiração em controvérsias sobre o terraplanismo no *Facebook*, analisando como esses dois fenômenos podem estar relacionados conceitualmente. Para a obtenção dos dados dessa mídia, utilizamos a plataforma *Crowdtangle*. Como metodologia de pesquisa, nos fundamentamos nas contribuições da abordagem de Mapeamento de Controvérsias (VENTURINI; MUNK, 2021) e nos pressupostos da Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2011; 2012).

Julgamos esse intento produtor com base nas incertezas despontantes em torno da própria concepção de terraplanismo. Como fenômeno cultural usualmente vinculado ao conspiracionismo (ALBUQUERQUE; QUINAM, 2019; SHAHEED, 2019; BONFIM; GARCIA, 2021), sua existência extrapola a mera relação com alegações acusando atores de agirem secretamente para esconder a suposta verdade sobre o formato da Terra. Isso porque a hipótese de planicidade da Terra tem raízes históricas nas cosmologias dos escritos antigos e as controvérsias envolvendo disputas com modelos cosmológicos rivais ganharam maior destaque apenas com o advento da modernidade (GARWOOD, 2001; MILNER; SHERMER, 2015; GARWOOD, 2013). Dessarte, buscamos explorar esse cenário de modo a responder a seguinte questão: de quais maneiras os atores dessa mídia social associaram terraplanismo e teorias da conspiração?

Para dar seguimento a essas tensões, o presente artigo foi subdividido em quatro tópicos. No tópico seguinte, realizamos um apanhado geral sobre controvérsias envolvendo a hipótese da Terra plana, no intuito de subsidiar as discussões com exemplos históricos e fundações conceituais. Depois, discutimos os métodos empregados na pesquisa, delineando o passo a passo efetivado para cumprir os objetivos ensejados. Na sequência, apresentamos os principais resultados obtidos, discutindo-os em função das perspectivas empreendidas. Por fim, organizamos algumas conclusões, defendendo o argumento de que o conceito de teorias da conspiração foi transformado em uma categoria depreciativa a englobar distintas formas culturais.

II. Breve apanhado envolvendo a controvérsias sobre a terra plana

Controvérsias envolvendo a hipótese da planicidade da Terra têm ganhado destaque contemporaneidade digital. Por controvérsias, nos referimos a situações nas quais os atores envolvidos em discussões não apenas discordam, mas concordam sobre esse desacordo (VENTURINI, 2010).

Segundo discutiu Martins (2020), o caráter coletivo da defesa de argumentos terraplanistas, bem como certas características de seus discursos, como a seletividade enviesada no uso de informações e a ambiguidade diante dos conhecimentos científicos, tornam o terreno digital propício para sua disseminação. Isso provavelmente ocorra devido às estruturas características ofertadas nesses espaços reunirem fóruns de discussão, blogs e

plataformas audiovisuais onde o filtro de conteúdo é pouco ou não regulado, facilitando a proliferação de conteúdo polêmico ou viral (ALBUQUERQUE; QUINAN, 2019).

Apesar desse *boom* midiático recente, as fundações do terraplanismo datam da antiguidade. Registros de modelos cosmológicos planos, projetantes de um universo tripartite (céu, terra plana e submundo), foram encontrados em artefatos deixados pelos povos sumérios e babilônios, habitantes da região da Mesopotâmia nos períodos de 4500 a 500 a.C. Posteriormente e independentemente, Egípcios e Hebreus conceberam modelos cosmológicos similares, tendo influenciado geográfica e teoricamente os mitos de criação do velho testamento bíblico. De fato, “alegações de que a Bíblia é um ‘livro da Terra plana’” encontram relação histórica com as cosmologias antigas (GARWOOD, 2013, p. 24, minha tradução).

Além de raízes mitológicas, as hipóteses terraplanistas se esquivaram da autoridade epistêmica das luzes e angariaram adeptos na modernidade. Uma figura precursora nesse período foi um inventor autodidata chamado Samuel Birley Rowbotham (1816-1884), reconhecido pelo pseudônimo “Parallax”. Fundador de uma vertente filosófica nomeada ‘zeteticismo’, também desenvolvera um modelo cosmológico completo, contendo uma Terra circular, imóvel e com um polo central, envolta por uma extensa parede de gelo. Sol, lua e planetas circundariam a Terra a uma altura de 700 milhas e fenômenos como dias, noites, estações do ano e circum-navegação eram todos explicados em detalhes. Parallax perambulou pela Europa divulgando suas teses terraplanistas, tendo participado de audiências públicas em institutos de mecânica, ateneus e assembleias de astronomia e angariando milhares de simpatizantes (GARWOOD, 2001).

Um seguidor das teses de Parallax foi um clérigo inglês chamado John Hampden. Conhecido por seu antievolucionismo ferrenho, julgava as Ciências como uma forma de destruição da moralidade cristã ocidental. Além disso, se opunha com fervor às interpretações heliocêntricas: “Que essa fraude infundada seja longamente resistida, e que nossos filhos não sejam mais ensinados que somos lançados no ar como enganadores, à velocidade de milhares de milhas por hora” (HAMPDEN, 1869, p. 32-33). Seu incômodo com a ascensão política e epistêmica das Ciências no século XIX o levou a desafiar cientistas e pesquisadores da época. Na quarta-feira de 12 de janeiro daquele ano, propôs uma aposta, publicada na revista inglesa *Scientific Opinion*, direcionada a qualquer personalidade pública do Reino Unido que pudesse lhe provar o formato rotundo da Terra:

O que se pode dizer da filosofia pretensa do século XIX, quando nenhum homem culto em dez mil conhece a forma da terra em que habita? O abaixo-assinado está disposto a depositar de £ 50 a £ 500, em termos recíprocos, e desafia todos os filósofos, teólogos e professores científicos no Reino Unido a provar a rotundidade e a revolução do mundo a partir das Escrituras, da razão ou dos fatos. Ele reconhecerá que perdeu seu depósito, se seu oponente puder exhibir, para a satisfação de qualquer árbitro inteligente, uma ferrovia, rio, canal ou lago convexos (GARWOOD, 2013, p. 82, nossa tradução).

O texto causou estranhamento “entre os leitores instruídos do jornal, que estavam mais acostumados a debates sobre se a Terra era um oblato ou um esferóide prolato do que se era redonda ou plana” (GARWOOD, 2013, p. 82). De fato, o cálculo da circunferência da Terra estava bem documentado desde Erastótenes (276-197 a.C). No entanto, a aposta mexeu com os afetos de parte da comunidade científica inglesa, que experimentava um acelerado ritmo de profissionalização das disciplinas científicas, a inserção compulsória de uma educação estatal, bem como a descentralização da educação superior universitária. Ignorada por figuras como Charles Darwin e Charles Lyell, a investida foi aceita pelo naturalista Alfred Russel Wallace, reconhecido por ter elaborado uma teoria sobre a evolução das espécies simultaneamente à Darwin. Motivado por dificuldades financeiras e o suporte de alguns pares, ele aceitou o desafio.

Alfred Russell Wallace e John Hampden se reuniram em março de 1870, ao norte do canal Old Bedford, nas proximidades de Londres, de modo a cumprirem a aposta. Eles se encontraram na companhia de três árbitros (Doctor Coulcher, da parte de Wallace; William Carpenter, da parte de Hampden; e John Henry Walsh como árbitro neutro), responsáveis por julgar um experimento projetado pelo naturalista. O objetivo da investida era o seguinte: com o auxílio de um telescópio, mensurar a altura de discos marcadores posicionados ao longo dos 10 quilômetros da hidrovía. Se todos os discos posicionados estivessem nivelados, esse seria um sinal da planicidade da superfície das águas, dando a vitória a Hampden. Caso contrário, Wallace venceria a disputa, uma vez que a existência de um desnível seria prova da convexidade das águas, corroborando a rotundidade da Terra (GARWOOD, 2001; MILNER E SHERMER, 2015).

Após o procedimento, uma inflexão muito próxima ao valor calculado a partir das dimensões da Terra foi verificada e Wallace foi declarado o vencedor (SHERMER, 2002). No entanto, a decisão foi concedida apenas alguns dias depois do ocorrido e sob forte relutância de Hampden, que não confiou na decisão conferida pelo árbitro oficial, John Henry Walsh, divergente da de seu árbitro, William Carpenter. Insatisfeito com a derrota, o terraplanista passou a importunar o naturalista e sua família ao longo de anos após a contenda.

Com os desdobramentos da controvérsia, Wallace acabou perdendo o valor recebido (e até mais do que isso) em conflitos judiciais, além de ter tido sua reputação manchada às vistas da comunidade científica. Segundo alegou o botânico Joseph Hooker, todo alarde causado em torno da disputa “não era honroso para um homem da Ciência, que tinha certeza de sua posição” (GARWOOD, 2001, p. 143, minha tradução). Além disso, ele foi reputado de explorar a ignorância do terraplanista, tornando o fato inegociável do formato globular da Terra uma questão discutível. “A profissão científica, como observou Richard Proctor, em última análise, ‘sofre com tal controvérsia... que iguala aos olhos de quem está de fora os ignorantes e os bem-informados’” (GARWOOD, 2001, p. 143, minha tradução).

De um lado, certas características das teses terraplanistas, como as defendidas por Parallax e John Hampden, corroboram os argumentos vinculando as hipóteses da Terra plana

às teorias da conspiração. Conforme lembrou Garwood (2013), Hampden estava em pânico em meados de 1870, pois, segundo suas suposições, “a Grã-Bretanha estava nas mãos de uma conspiração hedionda envolvendo a imprensa, os púlpitos e as plataformas das sociedades eruditas, todas ligadas à ciência” (p. 75, minha tradução). Parallax, também costumava recorrer a explicações conspiratórias para justificar seus anseios: “O cristianismo, afirmou ele, estava sendo destruído pela ciência e sua campanha era uma tentativa de corrigir o que estava errado” (GARWOOD, 2013, p. 71, minha tradução).

No entanto, teses terraplanistas também se mostraram enredadas a disputas epistêmicas sobre o real formato da Terra, bem como a raízes cosmológicas antigas e a fundamentos bíblicos. Em consonância a essa dubiedade, algumas discussões emergentes na academia científica têm tratado o movimento terraplanista atual como conspiracionista “na medida em que contesta evidências científicas fartamente documentadas sobre o formato esférico da Terra” (ALBUQUERQUE; QUINAN, 2019, p. 87). Outras consideram esse movimento como um problema associado às dinâmicas de pós-verdade (MARTINS, 2020), ao negacionismo e ao anticientificismo (MARINELI, 2020). A despeito disso, alguns autores alertam para o fato de os terraplanistas, em geral, repudiarem esse tipo de associação (MARTINS, 2020).

Nesse seguimento, se assumirmos uma teoria da conspiração como uma explicação que “postula sobre um grupo de agentes trabalhando em segredo, frequentemente, mas não sempre, para um propósito sinistro” (COADY, 2006, p. 02, nossa tradução), então como esse conceito se associaria ao terraplanismo? Em se tratando de um conceito – o de teorias da conspiração – que, segundo Napolitano e Reuter (2021), pode ser caracterizado por carregar um sentido depreciativo inerente a sua expressão, então como o vínculo com o terraplanismo opera em situações sociais? Poderíamos admiti-lo como parte de sua edificação como estigma social (LANTIAN *et al.*, 2018)? Nossos intentos nesta pesquisa visaram explorar algumas implicações em torno dessas questões. Para isso, buscamos mapear os modos pelos quais os atores interagindo em uma mídia social mobilizaram o conceito de teorias da conspiração em meio às contendas sobre o terraplanismo. Os métodos utilizados nesse processo foram esmiuçados na sequência.

III. Metodologia

Os métodos da presente pesquisa foram firmados na abordagem de Mapeamento de Controvérsias (MC) (VENTURINI, 2010; 2012; VENTURINI; MUNK, 2021). Essa abordagem se originou dos métodos cartográficos introduzidos por Bruno Latour na *École de Mines de Paris*, sendo inicialmente propostos como um exercício didático da Teoria Ator-Rede para o rastreamento de disputas sociotécnicas (uma espécie de versão ‘despojada’ da TAR). Seu exercício prático está centrado em um corolário: apenas observe e descreva controvérsias em ação. Contudo, ‘apenas’ observar e descrever não quer dizer renunciar a qualquer influência teórica e tampouco implica na busca por neutralidade mediante as observações. De

outra maneira, seu projeto reside em suspender referenciais *a priori*, conferindo ao analista a responsabilidade de estar aberto aos vários pontos de vista emergentes no campo. Nessa sequência, visou estabelecer um processo particular de objetivação denominado de “segundo-grau”, efetivado por meio da atribuição de representações condizentes com a posição e relevância dos atores em uma controvérsia (o que não significa conceder o mesmo peso a todas as perspectivas participantes).

Com as possibilidades analíticas de se utilizar os procedimentos cartográficos para acompanhar controvérsias despontando em espaços digitais, essa abordagem se aproximou de perspectivas engajadas em apreender a materialidade do social angariada por plataformas e mídias *online*, como a iniciativa dos Métodos Digitais (MD). Pautando-se no argumento central de que “as interações virtuais complementam em vez de substituir o ‘real’ e estimulam uma interação mais real, em oposição ao isolamento e à desolação” (ROGERS, 2013, p. 20, minha tradução), a conjunção de cartografias sociais e métodos digitais significou, então, uma possibilidade de levar adiante alguns métodos chamados de quali-quantitativos, esses entendidos como procedimentos “flexíveis o suficiente para acompanhar alguns fenômenos sociais ao longo de cada uma de suas dobras” (VENTURINI; LATOUR, 2009, p. 07). Isso não implicou em uma expectativa de englobar a totalidade do social, mas sim de explorar certas nuances de sua constituição por intermédio de métodos que envolvam tanto a inquirição dos processos por meio dos quais a objetividade científica pode ser produzida quanto uma posição crítica diante de metodologias ortodoxas e positivas.

Além dessas influências, os procedimentos em torno do Mapeamento de Controvérsias podem ser empreendidos como um resultado das influências etnometodológicas da TAR, a partir do momento em que preconizam experienciar, inquirir e examinar os rastros deixados pelos atores sociais; e de uma semiótica material voltada a analisar os desdobramentos práticos das ações dos objetos. De uma vertente semiótica, duas operações se tornam fundamentais: identificar as entidades – humanas ou não-humanas – que constituem o fenômeno coletivo investigado; e organizar os elementos reunidos de acordo com o papel desempenhado (VENTURINI; MUNK, 2021).

Nessa linha semiológica, Venturini e Munk (2021) sugeriram uma série de procedimentos para dissecar os programas de ação de uma controvérsia. Os componentes fundamentais a serem identificados são: a) os remetentes, ou seja, aqueles atores que tentam mobilizar os outros a agirem de forma a produzir uma performance; b) os sujeitos que impulsionam as ações; c) os objetos, isto é, aqueles que arcam com as consequências das ações; d) os ajudantes, como sendo as entidades auxiliam os sujeitos a adquirirem competências; e) os oponentes, que tentam desviar os sujeitos de suas performances; f) e os receptores que sancionam a realização das ações envolvidas. Importante mencionar que nem todo programa de ação mobilizará todos esses elementos e alguns deles poderão desempenhar mais do que um papel em uma disputa (um sujeito poderá se posicionar como o próprio remetente das ações em ocasiões nas quais ele produz e media uma contenda). Esse tipo de

diferenciação ganha importância por demonstrar que as ações em uma controvérsia nunca são isoladas, envolvendo uma gama de atores-rede desempenhando múltiplas agências.

Nos apoiamos nesses encaminhamentos no intuito de mapear a rede de relacionamentos emergente nas controvérsias sobre terraplanismo e teorias da conspiração no *Facebook*, explorando os modos de mobilização desses conceitos pelos atores envolvidos, e ainda, delineando os atores e seus papéis no decorrer dessas discussões. Esses procedimentos foram baseados em um corolário fundamental da TAR, segundo o qual ela “não considera sua função estabilizar o social em nome das pessoas que estuda: este é o dever dos ‘próprios atores’” (LATOURE, 2012, p. 54). O delineamento analítico efetivado para proceder com tais procedimentos foram apresentados na sequência.

III.1 Delineamento analítico

Para cumprir com os objetivos ensejados, nos baseamos em dados obtidos com o *Crowdtangle*. Essa é uma plataforma do *Facebook* utilizada para se obter e analisar dados de mídias sociais, que permite o acompanhamento de eventos em tempo real, a customização de buscas e a obtenção de dados em formato *Comma Separated Values* (CSV). Por meio dela, foi possível obter os dados das publicações do *Facebook* que mencionaram sobre Teorias da Conspiração e terraplanismo, além de acessar conteúdos e métricas tais quais o texto das mensagens dos *posts*, memes e imagens, número de interações e reações etc.

No campo de pesquisa dessa plataforma, procuramos por dados de publicações do *Facebook* a partir da seguinte sintaxe: (terraplanismo, terra plana) AND (conspiracionismo, teorias da conspiração, teorias conspiratórias). Dessa forma, priorizamos os resultados de publicações mencionando conjuntamente sobre Teorias da Conspiração e terraplanismo, no intuito de analisar como se deram as discussões nesse âmbito. Selecionamos a busca apenas em grupos públicos, considerando resultados de mensagens de *status*, imagens e vídeos do *Facebook* compartilhados nesses locais entre os períodos de 01 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2021.

Para demonstrar os atores-rede identificados, produzimos dois tipos de representação. Primeiro, elaboramos um grafo a partir das relações de compartilhamento de *links* em comum entre os Grupos do *Facebook*. Nesse quesito, buscamos evidenciar quem foram os atores impulsionando ou intermediando ações nas discussões sobre terraplanismo e conspiracionismo. Além disso, produzimos um diagrama contendo o programa de ação dessas disputas, a partir do qual buscamos analisar o cunho das alegações e os papéis desempenhados. Discutimos sobre esses resultados na sequência.

IV. Resultados e discussões

De início, gostaríamos de apresentar um resumo dos dados. O *corpus* analítico foi constituído por 254 *posts*² oriundos de 215 Grupos do *Facebook* diferentes. O pico de interações calculado ocorreu na data de 01 de jan. de 2021 (n = 547), sendo que o *post* com mais interações (n = 465) foi replicado no Grupo “Via Láctea e Além” em menção a uma relação entre fundamentalismo religioso e Teorias da Conspiração. A mediana de interações calculada foi igual a 9, assinalando uma concentração de interações (curtidas, compartilhamentos e reações) nessa faixa dos dados. Em geral, o impulsionamento de ações de outros usuários decorreu de situações diversas. Houve casos em que as menções se deram diretamente após um evento que ocasionou interações. Por exemplo, no Grupo “Novos Escritores Brasileiros”, a divulgação de um concurso de prosa e poesia no qual o tema do mês era ‘Teorias da Conspiração’ movimentou interações de pessoas reagindo ou procurando informações. Já um *post* no Grupo “CRIACIONISMO BRASIL – Terra Plana, Tecnologia e história do mundo antigo” comemorou uma notícia do portal “Olhar Digital” sobre a ascensão da hipótese da Terra plana no *YouTube*. Em outras ocasiões, as menções ao assunto ocorreram como parte da dinâmica interna das postagens, não decorrendo de acontecimentos particulares.

Na Fig. 1, apresentamos os principais Grupos do *Facebook* envolvidos nas discussões sobre terraplanismo e teorias da conspiração. Nos baseamos nos dados de compartilhamento de *links* em comum, notando a convergência de agrupamentos em torno de certas pautas, como: temáticas de direita promovendo desconfiâncias em relação a acontecimentos relacionados à COVID-19 (*cluster* 1); divulgação científica, educação, entretenimento e assuntos gerais visando defender pautas científicas e atacar as teorias da conspiração (*clusters* 2 e 5); publicações sobre a associação de certos artistas – como Post Malone e Chris Brown – com as teorias da conspiração (*clusters* 3 e 4); temáticas anticorrupção, sobretudo relacionados ao ex-juiz Sergio Moro, criticando narrativas de complô emergentes ao longo da pandemia do COVID-19 (*cluster* 6); temáticas progressistas em defesa das pautas científicas, bem como criticando as narrativas conspiratórias emergentes ao longo da pandemia (*cluster* 7); defesa da hipótese da Terra plana (*cluster* 8). Outros agrupamentos reproduziram tendências similares.

A partir da identificação desses agrupamentos, seguimos as técnicas de análise semiológica apresentadas por Venturini e Munk (2021) de forma a produzir um programa de ação da controvérsia (Fig. 2). Fizemos isso em função da leitura das descrições e do conteúdo dos *posts* com mais de 5 interações no *corpus* (n = 80), subdividindo cada componente conforme as ações desempenhadas pelos atores. A partir desses parâmetros, assinalamos a presença de 5 papéis principais entre os atores: a) remetentes, como sendo os próprios perfis buscando mobilizar suas considerações a respeito de terraplanismo e teorias da conspiração;

² O *corpus* organizado foi disponibilizado na forma de planilha presente nos anexos da publicação.

b) sujeitos, constituídos pelos atores que compartilharam ou replicaram os *posts*; c) objetos, constituídos pelos conceitos de terraplanismo, teorias da conspiração e outros assuntos de interesse emergentes; d) atores auxiliares, constituídos sobretudo pelas arquiteturas do *Facebook* na forma dos Grupos e *links*, além de escritos bíblicos no caso das ações terraplanistas; e) oponentes, como sendo os atores rivais atacados no conteúdo dos *posts*.

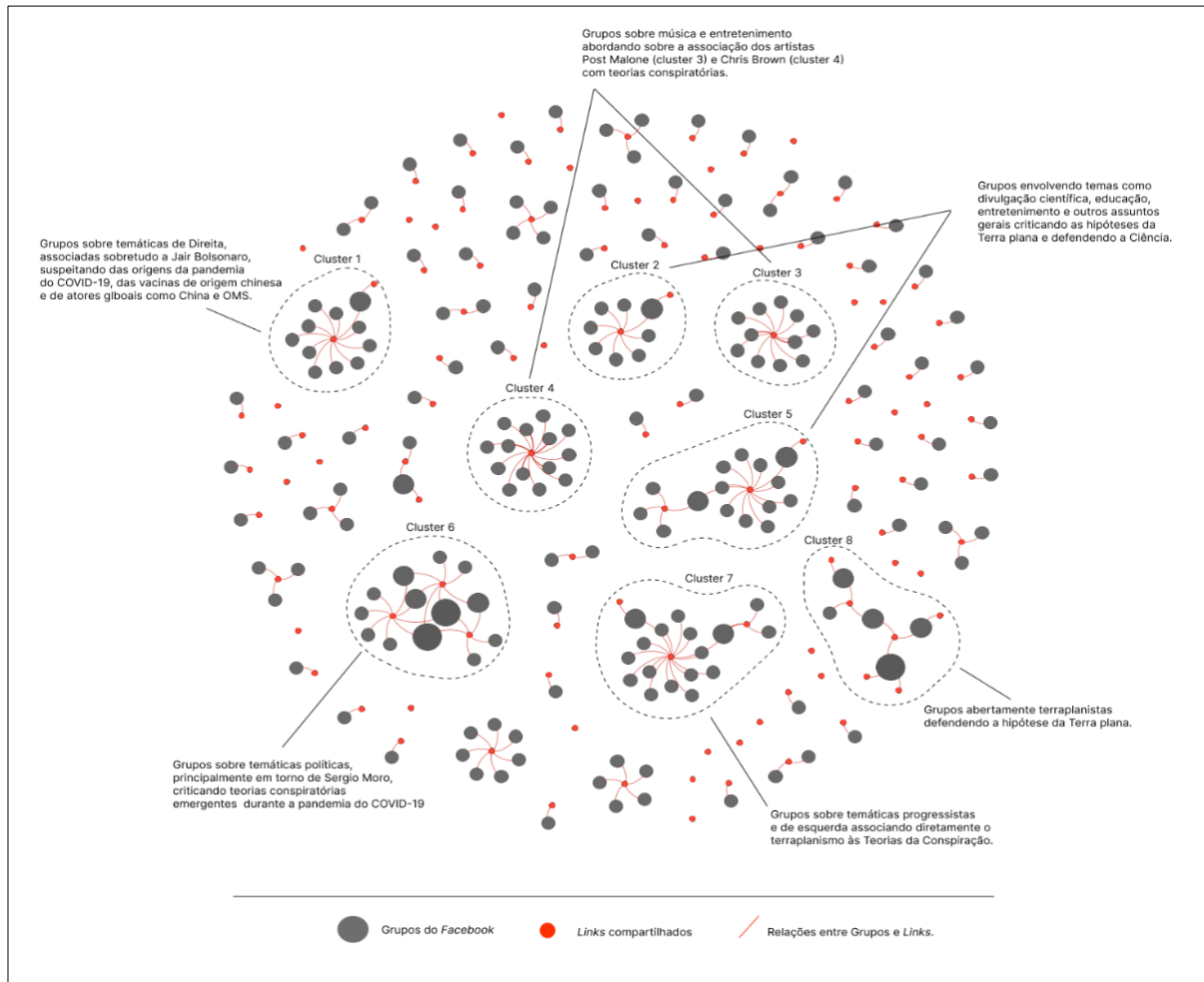


Fig. 1: Grafo representativo da rede de compartilhamento de links entre grupos do Facebook mencionando sobre terraplanismo e Teorias da Conspiração.

Fonte: Dados do Crowdtangle.

Esses procedimentos nos permitiram assinalar 3 tipos de ações fundamentais realizadas pelos sujeitos: i) depreciação e categorização do terraplanismo enquanto um exemplar de teoria da conspiração; ii) recusa dessa categorização; iii) menções desconectadas ou indiretas. Na sequência, apresentamos algumas citações retiradas dos *posts* ou de seus comentários que nos permitiram corroborar esses usos. Destacamos essas menções em *itálico*, de modo a diferenciá-las de citações acadêmicas.

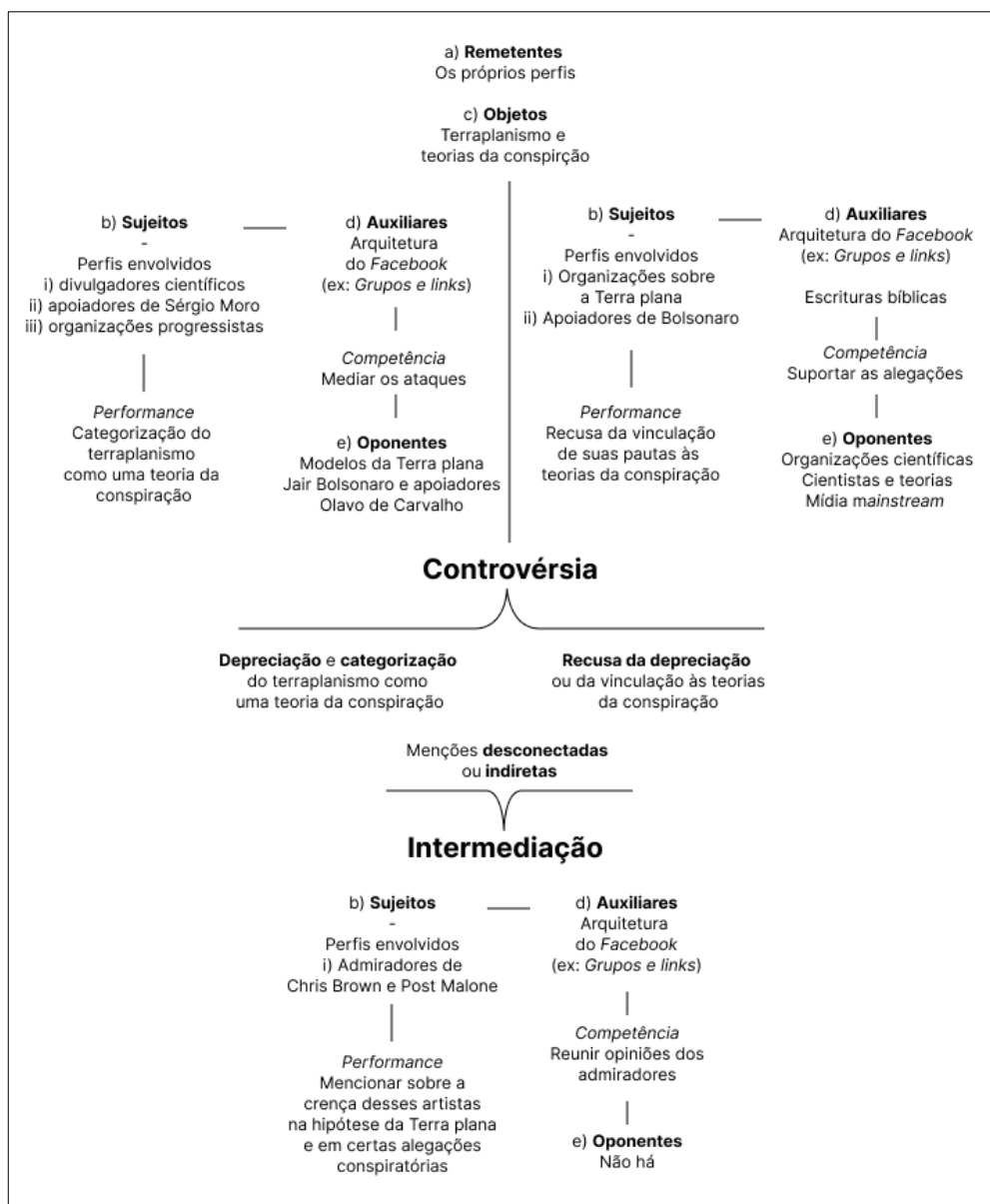


Fig. 2: Representação do programa de ação das discussões sobre terraplanismo e teorias da conspiração.

Fonte: Dados do Crowdtangle. Produzido com Figma.

Sobre as menções indiretas (iii), essas decorreram de Grupos envolvendo admiradores ou páginas de entretenimento mencionando sobre os músicos Chris Brown e Post Malone (Chris Brown/MR. BREEZY; CHRIS BROWN FAME; Chris Brown (Indigo)). Algumas considerações nesse estrato mencionaram notícias ou alegações desses artistas suportando a hipótese da Terra plana: “Chris Brown abalou sua base de fãs ao compartilhar teorias de conspiração selvagens [...] ele brincou na época, sugerindo que ele acredita em uma teoria da Terra plana”. Outras associaram esses artistas a outros boatos conspiratórios: “Post Malone diz que já teve contato com OVNI, fantasmas demônios e objetos

amaldiçoados. [...] Das teorias de que a Terra é realmente plana até a especulação de que figuras públicas são secretamente membros dos Illuminati". Contudo esse tipo de menção não envolveu ações ativas diante da associação entre terraplanismo e teorias conspiratórias, operando naquilo que Bruno Latour (2012) chamava de agências intermediárias, isto é, o ato de transportar significados sem transformar direta ou indiretamente determinado curso de ação. Isso quer dizer que as ações destacadas nessas citações somente mencionaram sobre supostas associações daqueles artistas com algo que já está estabilizado (ou seja, a relação entre terraplanismo e teorias conspiratórias).

Os outros dois tipos de alegações (i e ii), por outro lado, envolveram ações mediadoras da relação entre terraplanismo e teorias da conspiração, modificando ou produzindo ativamente significados. Apresentamos e discutimos sobre alguns desses usos nos dois subtópicos seguintes.

IV.1 Depreciação do terraplanismo e sua categorização como teoria da conspiração

Analisando as publicações organizadas no *corpus*, notamos que as ações de depreciação das teses terraplanistas, bem como de sua associação com as teorias da conspiração, decorreram de três agrupamentos principais: i) Grupos de divulgação científica (Enigmas do Universo; Astronomia, Astrofísica & Cosmologia; *Divulgação Científica e Popularização da Ciência etc.); ii) Grupos de apoiadores do ex-juiz Sérgio Moro (MORO - RESISTÊNCIA CONTRA O SISTEMA!; MORO - 2026 - BRASIL COM ELE; SÉRGIO MORO, NOSSO SENADOR!); iii) e Grupos progressistas e opositores ao ex-presidente Jair Bolsonaro (Progressistas do ABC; Ativistas PT São Paulo; LULA LÁ BRILHA UMA ESTRELA).

Nesses casos, as ações de depreciação realizaram um duplo movimento. De um lado, certas menções, sobretudo vinculadas a Grupos de divulgação científica (i), atacaram as teses da Terra plana associando-as diretamente à classe de teorias conspiratórias esdrúxulas por conterem deméritos epistêmicos em suas hipóteses. Além disso, algumas citações, principalmente as envolvendo questões políticas (ii e iii), associaram o terraplanismo ao conspiracionismo ao passo que atacavam adeptos e pautas associadas ao ex-presidente Jair Bolsonaro.

No primeiro caso, certas menções conduziram suas discussões abordando o terraplanismo como uma teoria da conspiração propriamente dita: "*Os estudos sobre os terraplanistas e outras teorias da conspiração indicam que eles acreditam ser os que agem com lógica e raciocínio científico*". Algumas delas, inclusive, denotaram as características no discurso terraplanista que o tornariam uma teoria conspiratória, como a tese de que "*A TERRA É PLANA e os astrônomos mentem para a população mundial*". Outras expressaram uma diferenciação do terraplanismo em relação a outras teses de conspiração: "*Algumas conspirações são inócuas (o terraplanismo, os teóricos dos antigos astronautas), mas é por causa dos 'antivax' que sarampo e poliomielite — quase erradicados — estão voltando*".

Além disso, alguns argumentos corroboraram o caráter depreciativo dessas teorizações: “*Cada vez mais pessoas se interessam menos por Ciência e mais por teorias conspiratórias absurdas, esdrúxulas e limitantes. Vide o próprio terraplanismo, por exemplo*”. A recorrência de menções depreciativas em grupos de divulgação científica se mostrou parte de um processo de estabelecimento de fronteiras, no qual seus membros internos deixaram clara a impertinência de teses consideradas conspiratórias: “*Teorias da conspiração do tipo "o homem não foi a lua", "terra plana", e outros não serão toleradas*”.

Em espaços acadêmicos, esse trabalho de fronteira costuma ser empreendido no intuito de defender, legitimar ou manter uma posição de destaque das contribuições científicas, sobretudo em tempos nos quais as bordas em relação a outras atividades intelectuais não se mostravam – mesmo que artificialmente – estabilizadas (HARAMBAM; AUPERS, 2015). No âmbito das teorias da conspiração, como as ações envolvidas costumam vir acompanhadas de uma desconfiança frontal em relação à verdade científica e da contestação de muitos de seus produtos, essa busca por diferenciação se consolidou como parte de uma ação buscando sustentar um caráter de superioridade do conhecimento científico, tornando os eventuais divergentes sujeitos cognitivamente questionáveis ou socialmente instáveis.

Em se tratando de dados oriundos de uma mídia social, esse resultado indicou uma reprodução de certas dinâmicas sociotécnicas características da atividade científica ocorrendo nesses espaços, como a arregimentação de aliados convergentes em torno de teses científicas ou a clivagem em relação a sujeitos discordantes, tornando-os isolados ou desprovidos de lógica (LATOURET, 2011). Desse aspecto, atores atrelados à divulgação científica assumiram papéis atuantes nesse trabalho de fronteira, ação que ficou evidenciada nos modos pelos quais alguns deles se dirigiram ao terraplanismo e às teorias da conspiração como uma forma de ameaça: “*Via a disseminação de receios sem fundamento e de teorias conspiratórias absurdas, aduba-se o terreno para ofensas à ciência, à educação, à cultura e às artes*”.

Essa situação foi evidenciada empiricamente em outros trabalhos demonstrando que a “agregação de usuários em torno de narrativas conflitantes leva ao surgimento de câmaras de eco” (BESSI *et al.*, 2016, p. 04, nossa tradução). Essas seriam grupos polarizados dentro dos quais seus usuários compartilham internamente de uma mesma visão de mundo. Conforme demonstraram, a formação dessas comunidades homogêneas tende a ser independente da mídia social investigada e da atuação do algoritmo, sendo uma função do conteúdo das alegações em disputa. Além do mais, grupos engajados em bolhas científicas tem se mostrado propensos a transbordar suas fronteiras no intuito de atacar teses consideradas conspiratórias.

Esse é um indicativo de como as arquiteturas do *Facebook* têm contribuído para essa situação ao permitir o alojamento de perfis em agrupamentos fechados, bem como o trânsito entre grupos públicos rivais. No presente *corpus*, isso ficou expresso quando um sujeito, opositor às hipóteses da Terra plana, postou a seguinte provocação em um grupo terraplanista:

“por que nenhum de vocês resolvem fundar alguma empresa pra tentarem provar que a terra é plana?”. Para corroborar sua questão, argumentou sobre essa busca pelas provas ser mais eficaz do que ficar “como idiotas só postando coisas que encontram na internet e nos seus grupinhos cheio de velhos burros e sem estudo que só sabem postar teorias da conspiração que não fazem nem sentido?”. Outro caso nesse nível aconteceu quando um sujeito externo arguiu sobre a falta de provas da hipótese de planicidade da Terra em um grupo específico: “Hoje, nenhum terraplanista detém de provas do que eles acreditam, justamente por que tudo não passa de falta de conhecimento e fé em acreditar em teorias da conspiração”.

De um lado, é notória a contribuição mídias sociais para a difusão dos saberes científicos em espaços que Fleck (2010) chamava de círculos exotéricos, constituídos pelo ajuntamento daqueles sujeitos leigos ou não especializados nas dinâmicas de discussão das Ciências. Nesse quesito, a divulgação de conteúdo científico em mídias sociais pode ser entendida como uma forma adicional e singular de ampliação de discussões sobre ciência, tecnologia e sociedade. De outro lado, considerando a atuação de certos atores não-humanos, como arquiteturas que facilitam a polarização de discussões ou algoritmos que contribuem para a disseminação desavenças, se faz necessário ampliar as discussões sobre potenciais agências de divulgação ou checagem de fatos que, ao invés de rechaçarem teses conspiratórias consideradas deletérias, possam publicizá-las. Isso se mostra urgente principalmente devido ao fato de que muitos desses perfis ou grupos possuem um peso midiático relevante no *Facebook*, possuindo milhares de seguidores (o Grupo “*Divulgação Científica e Popularização da Ciência” registrou mais de 45 mil participantes. Já o Grupo “Enigmas do Universo” reuniu mais de 151 mil. Dados do primeiro semestre de 2023).

No que se refere aos casos envolvendo questões políticas, uma circunstância peculiar foi assinalada. Nesse âmbito, as menções sobre terraplanismo e teorias da conspiração envolveram direta e frequentemente menções ao ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro e seus apoiadores. Isso ficou evidenciado em *posts* de grupos progressistas descrevendo o que chamaram de vírus do bolsonarismo: “Ele leva a pessoa a perder a razão, a odiar e a desprezar professores, cientistas e a cultura e a acreditar em teorias estapafúrdias, como a do “vírus chinês”, da “Terra plana”, da “gripezinha” e da “conspiração comunista””. Ou em posicionamentos críticos ao eleitorado bolsonarista: “Quando pensamos em teorias conspiratórias em geral, existem algumas questões que os eleitores de Bolsonaro se posicionam em ainda maior volume do que o restante do eleitorado”. Ademais, também se fez presente em menções de alguns apoiadores do ex-juiz Sérgio Moro, à época da publicação, um dissidente do governo Bolsonaro: “Assim, em diferentes graus, vemos prosperar explicações simplórias da realidade, como as teorias que propagam a terra plana [...] ou, finalmente, que existe uma enorme conspiração para fraudar as próximas eleições em desfavor de Bolsonaro”.

Um ator central nos movimentos de associação do bolsonarismo ao terraplanismo foi o escritor Olavo de Carvalho. Conforme discutiu Martins (2020), Olavo ficou famoso por

diversas declarações dúbias sobre a hipótese da Terra plana, apesar de nunca ter se declarado um terraplanista convicto. Ainda assim, essas citações muniram seus opositores, que passaram a caracterizá-lo como tal: “*Quanto a Olavo de Carvalho, é até patético falar a respeito, pois entre outras tantas coisas bizarras, ele disse que a pandemia do Covid-19 não existe e é apoiador da tese de terra plana*”. Em alguns casos, a associação se estendeu mais abertamente a outros fenômenos do negacionismo científico: “*O movimento antivacinação tem muito de terraplanismo (também apoiado por Olavo de Carvalho, mesmo que com menos veemência). São movimentos que negam o que não precisa mais ser provado*”. Dessa forma, quando buscavam atacar Olavo de Carvalho e o bolsonarismo, os sujeitos os associavam quase automaticamente ao terraplanismo e, por conseguinte, às teorias da conspiração.

Esse movimento assinalou uma transformação do conceito de teorias da conspiração em uma categoria depreciativa. Falamos em categoria no sentido de uma forma *a priori* e universal de se pensar ou agir, ou ainda, uma classe na qual certas ideias podem ser incluídas em termos lógicos (PEIRCE, 1992; SANTAELLA, 1999). Assim, ao servir como classe receptora de diversas dinâmicas negacionistas, como o terraplanismo, desconfiança vacinal, descrença da ida do homem à lua ou as desconfianças sobre a origem da pandemia do COVID-19, os usos do conceito teorias da conspiração se estabilizaram em torno de sua interpretação deletéria, corroborando as colocações de Napolitano e Reuter (2021) em relação a seu caráter avaliativo denso, isto é, ao fato de sua concepção ter se tornado inerentemente negativa. Nesse caso, dizer que determinada alegação é uma teoria conspiratória não implica apenas em considerá-la uma teoria ruim, mas também em assumi-la como epistemicamente inválida.

Sendo assim, se há quase um consenso nas mídias, na academia e no imaginário popular sobre o terraplanismo ser um movimento conspiracionista por contestar constantemente as evidências científicas com base em ataques a instituições ou pesquisadores (ALBUQUERQUE; QUINAN, 2019), quando as discussões envolveram controvérsias políticas, a relação terraplanismo-conspiracionismo passou a se conectar também ao bolsonarismo. Essa ocorrência denotou uma singularidade no caráter depreciativo das teorias da conspiração, pois sedimentou seu uso como um instrumento utilizado para atacar ou estigmatizar grupos rivais em outras instâncias sociais, como os debates políticos.

Não estamos a julgar as motivações que levaram a esses procedimentos, pois os atores sociais são em grande parte responsáveis por seus próprios modos de existir no mundo (LATOURETTE, 2012). Nosso argumento reside mais na ponderação de que esses usos podem se desdobrar em circunstâncias como a transformação das teorias da conspiração em um estigma social, uma vez que, da perspectiva de seus sujeitos, “defender publicamente reivindicações conspiratórias as torna objeto de avaliações e comportamentos negativos de outras pessoas” (LANTIAN *et al.*, 2018, p. 948). Mais especificamente, podem acarretar a perda de referência em relação às causas do conspiracionismo em um âmbito cultural mais amplo, pois estaríamos nos habituando a considerar certas narrativas ou grupos como conspiratórios quase que por

definição, sem nos atermos às suas causas ou motivações prováveis (HARAMBAM, 2021). Isso pode tornar o emprego dessa expressão deveras automático e pouco crítico, além de transformar as pessoas envolvidas em alvos retóricos fáceis. De fato, esses fatores foram corroborados por resultados demonstrando a aplicação do conceito de teorias da conspiração em situações de contra-argumentação.

IV.2 Recusa da associação às teorias da conspiração

Conforme pontuamos no programa de ação da controvérsia (Fig. 2), os movimentos de recusa em relação à vinculação às teorias da conspiração se deram por parte de dois grupos: i) os terraplanistas, em situações nas quais contra-atacaram a deslegitimação movida por divulgadores e interessados em temas científicos; ii) e os bolsonaristas, que recusaram serem taxados de teóricos da conspiração.

No primeiro caso (terraplanistas), esses procedimentos ocorreram em situações de afirmação das hipóteses planistas: *“A terra plana é a mãe de todas as teorias da conspiração???? Não mesmo, a terra plana é fato e não teoria!”*. Em outro caso, um perfil citou 31 supostos comportamentos padrões do que denominou de globistas (ou seja, aqueles que seguem o consenso científico em torno do formato geoidal da Terra), dentre os quais listou: *“Se falar a verdade começam a dizer: teorico da conspiração”*. Outro exemplar nesse nível ocorreu quando um sujeito postou a seguinte resposta a uma publicação opositora associando o terraplanismo à pseudociência: *“Muito pelo contrário, nossa ciencia é empírica! Fiquem vcs com a pseudota? Vcs que viajam em astronaves na velocidade da Luz! Kkkkk”*. Outra resposta a esse *post* lembrou as interpretações terraplanistas de povos antigos como uma estratégia de defesa: *“nossa entao os povos antigos eram todos teoricos da conspiração é isso”*. Em suma, menções como essas expressaram que os sujeitos engajados nas hipóteses de planicidade da Terra rechaçaram sua vinculação às teorias da conspiração devido a considerarem suas teses como fatos empíricos oriundos de uma ciência presumidamente verdadeira, isto é, o terraplanismo.

Esses resultados estão de acordo com as discussões sobre os denominados “teóricos da conspiração” mostrarem uma atitude ambígua diante das Ciências, visto que não pretendem renegá-la por completo, mas sim purificá-la no sentido de construir um processo científico com características indutivistas, pautado sobretudo pela experiência sensorial como critério fundamental (HARAMBAM; AUPERS, 2015; MARTINS, 2020). Além disso, reforçam as teses sobre a atribuição do rótulo de “teórico da conspiração” não necessariamente diminuir o suporte a alegações de conspiração. De fato, em alguns casos, os rótulos podem até mesmo intensificar o suporte a certas desconfianças, uma vez que um sujeito alvo poderia se indagar se o ataque oriundo de grupos rivais não estaria significando o sucesso de seus intentos (WOOD, 2016). No *corpus*, isso ficou assinalado em citações nas quais os sujeitos terraplanistas retrucaram certas acusações opositoras: *“Por enquanto vcs não tem argumentos globista acha que atacando os terraplanistas estão no lucro. Psiu a terra é*

plana!"; "Sê vc é terraplanista convicto assim como eu sou! Não deve levar em conta insinuações! É notório o desequilíbrio mental de alguns seres globaloides!"

Indo além de uma reação passiva, exemplos como esses corroboraram trabalhos demonstrando que o tom de deboche assumido por sujeitos engajados na hipótese da Terra plana faz parte de uma estratégia ativa de defesa diante das tentativas de depreciação (MARTINS, 2020). Logo, ao tratarem seus adversários com chacota, eles não apenas reagiram diante das acusações, mas também fortaleceram suas teses internas a partir de um comportamento de grupo. Agindo dessa maneira, eles reuniram força de forma a resistir ao estigma social associado ao rótulo de “teóricos da conspiração”, passando a contestar abertamente a autoridade de instituições, de pesquisadores e da Ciência moderna (HARAMBAM; AUPERS, 2017). Atuaram, de certa maneira, como uma expressão cultural opositora, uma vez que seus adeptos não apenas buscaram maneiras diferentes de viver que não englobassem os consensos científicos sobre a rotundidade da Terra, mas se mostraram convictos sobre a possibilidade de mudar a sociedade, a Ciência e a própria cultura a partir dessa visão de mundo (WILLIAMS, 2011).

Analisando particularmente, esses resultados também são uma evidência de como o rótulo de conspiracionista não está dado *a priori*, sendo um produto de situações cotidianas nas quais os próprios atores sociais tendem a disputar as circunstâncias de seu uso. Essa consideração está amparada nas discussões de Bruno Latour (2011) sobre os processos de formação de grupos e antigrupos: “sempre que algum trabalho é necessário para traçar ou retraçar as fronteiras de um grupo, outros agrupamentos são classificados de vazios, arcaicos, perigosos, obsoletos etc.” (p. 56). Compreender as bases dessas práticas se torna, portanto, fundamental para o entendimento das epistemologias emergentes em torno da divulgação científica em espaços digitais, que tendem a reproduzir modos de ação particulares em relação às Ciências que não devem ser considerados neutros ou imparciais em termos das políticas do conhecimento.

Desse aspecto, ao invés de uma qualidade inerente a uma narrativa ou um sujeito, uma teoria da conspiração pode ser entendida como o resultado de um evento a partir do qual seu uso passa a ser negociado pelos atores envolvidos em um terreno propício para essa situação. Falamos em evento com base na concepção de Whitehead (1994), como um acontecimento que se prolonga ao longo do espaço e do tempo, sendo o resultado da conjunção de outros possíveis eventos constituintes. Enquadram-se como eventos desde uma ocorrência cotidiana, como um dia chuvoso, até um acontecimento tecnocientífico, como a produção do plano inclinado por Galileu Galilei, que estabeleceu bases experimentais para o desenvolvimento da ciência moderna. Nesse seguimento, se a própria verdade científica pode ser abordada como um evento na história do pensamento científico mais do que uma qualidade de determinada assunção (FLECK, 2010; LATOUR, 2012), então se torna produtivo considerar uma teoria da conspiração também sob o signo de um evento, uma vez que seu caráter depreciativo, comumente vinculado à falsidade de certas alegações, não está

dado *a priori*, sendo o resultado de diversos procedimentos sociotécnicos, desde a checagem das informações envolvidas até a qualificação de grupos enquanto “conspiracionistas”.

No que se refere ao caso das publicações associadas ao bolsonarismo (ii), as alterações foram motivadas principalmente por desconfianças em relação à pandemia do COVID-19. *Posts* mencionando sobre esse tema foram usuais em certos Grupos: “[...] *existem histórias que parecem fantásticas demais para serem verdades, mas que ficam mais esquisitas a cada explicação, mesmo que façam esforços para ridicularizá-las. A "pandemia" do Covid-19 é uma dessas, onde quanto mais mexe, mais fede*”. Nesse exemplo, a recusa do rótulo de teórico da conspiração ocorreu como uma forma de ratificação dessas desconfianças: “*Honestamente, eu gostaria de ter a inocência ou a debilidade de quem olha para todo esse cenário e acredita ser apenas uma "teoria da conspiração"*”.

Todavia, esse tipo de menção politizada não ficou restrito a Grupos bolsonaristas, se estendendo àqueles engajados no terraplanismo. Uma postagem no Grupo “Teorias da Conspiração Nossa Amada Terra plana” alertou sobre a ênfase desse espaço: “*aviso 'esse grupo apoia o presidente bolsonaro se voce não concorda, existem outros grupos'*”. Nesse mesmo *post*, ao pontuar sobre a veracidade de diversas teorias da conspiração, mencionou: “*essas Teorias nos fazem pensar e com isso começamos a ser despertos quando as possibilidades de manipulação que nossos Governos e a mafia das industrias fazem sobre nós*”. Sendo assim, se os sujeitos opositores a Jair Bolsonaro mostraram uma propensão a associar o bolsonarismo ao terraplanismo e, por consequência, ao conspiracionismo, os simpatizantes do ex-presidente se viram diante de um dilema: recusar o rótulo de teóricos da conspiração ao mesmo tempo em que buscavam nutrir alegações de conspiração em relação à pandemia do COVID-19.

Contudo, seria reducionismo restringir a esses sujeitos a qualidade de “teóricos da conspiração”, uma vez que o engajamento em torno de alegações de conspiração *no corpus* não se mostrou uma exclusividade deles. Para reforçar essa consideração, citamos um *post* publicado no Grupo “BRASIL CONTRA BOLSONARO / GOLPE E DITADURA MILITAR”, um espaço abertamente anti-bolsonarista: “*sei que algumas das informações que tenho a lhes apresentar vão parecer mais algumas das teorias da conspiração que rolam pelas redes*”. No conteúdo dessa postagem, além de ataques a Bolsonaro – “*alguma vez já passou pela sua mente racional e normalista, que um dia o brasil teria um "hitler piorado" detonando tudo no seu país?*” – certas menções trouxeram frases típicas daqueles engajados em teorias conspiratórias: “*a hora da verdade chegou*”, “*tá na hora de começar a mudar os seus conceitos e rever sua forma de enxergar a realidade*”.

Esse caso demonstrou como certas características da realidade das teorias da conspiração – como alegar a existência de complôs secretos ou pressupor maneiras alternativas de observar a realidade – não se limitam a determinados grupos ou sujeitos. Quando automatizamos dessa maneira, saltamos os hiatos que nos permitiriam descrever as condições de produção de uma teoria conspiratória, transformando sua utilização em um

hábito, uma vez que alisamos os processos descontínuos por meio dos quais realizamos certas ações (JAMES, 2004; LATOUR, 2019). Dessa forma, não nos damos conta, por exemplo, que as alegações terraplanistas possuem fundamentos mais amplos do que a mera dependência de alegações de conspiração, como suas bases cosmológicas em interpretações literais do livro do Gênesis. Não quer dizer, todavia, que terraplanistas não agem de maneira conspiratória quando desconfiam de um complô mundial visando esconder a suposta verdade da Terra plana. O ponto é que a mera atitude desconfiada desses sujeitos não bastaria para explicar a categorização enraizada do terraplanismo como uma teoria da conspiração enquanto outras iniciativas desconfiantes – como as emergentes em grupos progressistas em relação a Bolsonaro – não tiveram o mesmo fim. Em suma, parece haver uma gama de sendas operando entre a desconfiança cotidiana e as teorias da conspiração profundas e que são veladas pelo hábito de categorizar de imediato certas alegações como conspiratórias.

É na esteira desse problema que a concepção de evento ganha produtividade, já que, sem uma essência conspiratória a ser resgatada, a instauração conceitual das teorias da conspiração pode ser considerada o resultado de um acontecimento relativo às agências envolvidas. Esse evento pode confrontar tanto aqueles atores engajados em alegações de complô (terraplanistas, bolsonaristas, antivaxxers, progressistas ou quaisquer sujeitos desconfiados da ocorrência de conspirações) quanto os sujeitos experimentadores dessas alegações que foram capazes de produzir significados sobre sua existência (os divulgadores científicos, pesquisadores, jornalistas ou usuários de uma mídia social), sem falar no terreno social corresponsável pela distribuição dessas contendidas (Grupos do *Facebook*, vídeos do *YouTube*, matérias de jornal etc.). Nessa rede de eventos, um ator pertencente ao segundo grupo (dos produtores de significado) poderá se tornar um ator do primeiro grupo (das alegações de complô) quando as circunstâncias mudarem (como nas menções quasi-conspiratórias de um sujeito crítico ao bolsonarismo). Do mesmo modo, um Grupo do *Facebook* poderá se tornar um ator relevante quando mediar o confronto de sujeitos opositores, ao passo que apenas intermediará agências caso as disputas estejam paralisadas. Isso não alteraria a dinâmica dos eventos, uma vez que não há essências em jogo, mas apenas agências distribuídas em um todo concreto.

De modo a resumir essas discussões, gostaríamos de encerrar o artigo apresentando algumas conclusões emergentes. Lembremos da questão de pesquisa: de quais maneiras os atores dessa mídia social associaram terraplanismo e teorias da conspiração?

V. Conclusões

Verificamos dois principais modos de associação dos conceitos de terraplanismo e teorias da conspiração: i) um decorrente de ações depreciando o terraplanismo e outras dinâmicas sociais, categorizando-as como teorias conspiratórias ilógicas; ii) e outro oriundo de ações buscando reagir diante dessa categorização. No primeiro caso, as ações envolveram Grupos de divulgação científica, bem como aqueles engajados em discussões políticas,

sobretudo opositores a Jair Bolsonaro, que transformaram as teorias da conspiração em uma categoria depreciativa a englobar diversas dinâmicas negacionistas, como as desconfianças sobre a pandemia do COVID-19 e o próprio terraplanismo. No segundo caso, mediaram ações os atores abertamente terraplanistas e alguns bolsonaristas, em movimentos independentes, mas, em alguns casos, convergentes em torno de desconfianças, como as envolvendo a pandemia.

Nesse sentido, essas controvérsias se mostraram diretamente conectadas a disputas políticas brasileiras, criando um cenário no qual terraplanismo e conspiracionismo foram associados ao bolsonarismo quase que por definição. No caso das teorias da conspiração, isso provavelmente se deva ao engajamento de Jair Bolsonaro e seus adeptos em torno de alegações de conspiração ao longo da pandemia, como as desconfianças relacionadas às vacinas, à origem do *SARS-CoV-2*, ao uso de máscaras e ao distanciamento social (KALIL, 2021). No que se refere ao terraplanismo, nossa hipótese é de que algumas menções dúbias do escritor Olavo de Carvalho em relação às hipóteses de planicidade da Terra possam ter municiado opositores a associá-lo, juntamente com os adeptos do bolsonarismo, ao movimento terraplanista como uma forma de estigmatizá-los.

Essa circunstância expressou como a instauração conceitual das teorias da conspiração não pode ser separada das situações controversas das quais emerge, sendo, mais do que uma qualidade inerente a certas narrativas ou sujeitos, um produto de eventos localizados espaço e temporalmente. Nesses eventos, podem se enredar ações como: as alegações de conspiração por parte de grupos desconfiados; a categorização dessas alegações como exemplares de teorias da conspiração; a atuação de algoritmos ou arquiteturas de mídias sociais na disseminação de conteúdo etc. Esse tipo de descrição pode auxiliar na compreensão do porquê certas desconfianças cotidianas não se enraizarem como teorias conspiratórias propriamente ditas ao passo que narrativas, como as terraplanistas, ganham forma midiática cotidianamente como um fenômeno conspiracionista esdrúxulo. Entre esses dois extremos – conspiracionismo radical e alegações de conspiração – parece haver múltiplas camadas que explicam essas distinções, mas que perdemos de vista devido à automatização desses procedimentos categorizantes.

Em outras palavras, gostaríamos de alertar para a transformação da categorização de grupos ou sujeitos como teóricos da conspiração em um hábito (JAMES, 2004; LATOUR, 2019). Tal qual nos habituamos a desempenhar certas funções automaticamente, também nos acostumamos a elencar alguns discursos – como os terraplanistas – como exemplares de teorias conspiratórias quase por definição, se estendendo, inclusive, para ocasiões nas quais essa ação se torna uma ferramenta de luta política (como na associação depreciativa de grupos bolsonaristas ao terraplanismo). Com isso, não queremos negar o caráter potencialmente conspiracionista de muitas alegações sobre a Terra plana, ou das ações conspiratórias de Jair Bolsonaro no decorrer da pandemia do COVID-19, mas apenas não perder de vista suas condições de produção. Por mais que essas atitudes possam ser eficientes em um âmbito

comunicacional mais amplo, pensamos que elas podem se tornar pouco críticas e deveras estigmatizantes quando se trata de divulgação e comunicação científica, pois concedem a certos grupos uma (des)qualificação *a priori* não necessariamente evidente.

Mais amplamente, gostaríamos de nos aproximar de iniciativas que preconizam os modos de produção e distribuição dos conhecimentos tecnocientíficos ao invés de tomá-los enquanto parte de uma realidade óbvia a ser assimilada em situações educativas. Ao procedermos dessa maneira, reunimos condições para conceber o fato de que a própria forma aproximadamente geoidal da Terra não é de toda trivial, pois decorre de um problema material, empírico e moral. Este envolve a formulação de estudos e modelos para medir com certa confiança a circunferência da Terra; a ação exploradora (pode-se dizer em ambos os sentidos) de sujeitos como Fernão de Magalhães e Juan Sebastián Elcano para confirmar a seus contemporâneos a imagem esférica da Terra já conhecida teoricamente; e a aceitação desses resultados e sua transformação em fato por uma comunidade especializada. Para relembrar Bruno Latour (2020), “o ciclo necessário para desenhar qualquer esfera é pragmático no sentido de John Dewey: sentimos as consequências de sua ação antes de imaginarmos o que realmente fez e de nos conscientizarmos do teor do mundo que lhe opôs resistência” (LATOURE, 2020, s. p.).

Logo, mais do que assumirmos a trivialidade dessa resultante socialmente compartilhada chamada “Terra globo”, um mote produtivo passa a ser a compreensão dos ciclos por meio dos quais a desenhamos ampla e densamente. Com isso, abre-se margem para se discutir sobre as evidências que sustentam uma ideia, bem como as disputas que as tornam interessantes para distintos agrupamentos. Dessa forma, se torna possível desnaturalizar a ideia de que um fato científico é uma entidade óbvia, expressando assim seu caráter articulado em relação a dados, experimentos, hipóteses, teorias, equipamentos, métodos experimentais e cientistas (LIMA, 2019). Além do mais, reunimos condições para descrever os movimentos negacionistas das Ciências como entidades formadas pela associação entre distintos atores e agências, sem reduzi-los a desvios cognitivos, sociais ou culturais.

Limitações desta pesquisa estão associadas à escolha de se investigar a relação entre terraplanismo e conspiracionismo em um contexto unicamente brasileiro, deixando à parte outros prováveis fatores desdobrados em circunstâncias culturais distintas. Esperamos que outras pesquisas possam se embasar nos resultados aqui organizados no sentido de ampliarem as análises para outras formatações do negacionismo científico, e ainda, avaliarem sua ocorrência em outras línguas, países e culturas. Nesse seguimento, arguimos sobre a urgência de se incluir nas discussões sobre conspiracionismo e outras dinâmicas negacionistas das Ciências esse caráter pragmático da instauração do conceito de teorias da conspiração. Ainda que certos argumentos corroborem sua ambiguidade e reforcem seu caráter avaliativo denso (BJERG; PRESSKORN-THYGESEN, 2016; NAPOLITANO; REUTER, 2021), os resultados da presente pesquisa demonstraram como os atores sociais estabeleceram suas próprias concepções sobre teorias da conspiração, as utilizando de maneiras propícias em função de

seus ensejos, mesmo na ausência de uma referência teórica. Desse modo, avaliamos que as teorias da conspiração vêm se consolidando como forma midiática fluída, instaurada e estabilizada constantemente no curso de práticas coletivas.

Referências

ALBUQUERQUE, A.; QUINAN, R. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “professor terra plana”. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 83-104, 2019.

BESSI, A. *et al.* Users polarization on Facebook and Youtube. **PLoS ONE**, v. 11, n. 8, p. 1-24, 2016.

BJERG, O.; PRESSKORN-THYGESEN, T. Conspiracy Theory: Truth Claim or Language Game? **Theory, Culture and Society**, v. 34, n. 1, p. 137-159, 1 jan. 2017.

BOGART, L. M.; WAGNER, G.; GALVAN, F. H.; BANKS, D. Conspiracy beliefs about HIV are related to antiretroviral treatment nonadherence among African American men with HIV. **Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes**, v. 53, n. 5, p. 648-655, 2010.

BOGART, L. M.; GALVAN, F. H.; WAGNER, G. J.; KLEIN, D. J. Longitudinal association of HIV conspiracy beliefs with sexual risk among black males living with HIV. **AIDS and Behavior**, v. 15, n. 6, p. 1180-1186, 2011.

BOGART, L. M. *et al.* Medical mistrust among social network members may contribute to antiretroviral treatment nonadherence in African Americans living with HIV. **Social Science and Medicine**, v. 164, p. 133-140, 2016.

BONFIM, C. S.; GARCIA, P. M. P. Investigando a “Terra plana”no YouTube: contribuições para o ensino de Ciências. **REnCiMa**, v. 12, n. 3, p. 1-25, 2021

COADY, D. **Conspiracy theories: The philosophical debate**. 1 ed. Abingdon: Routledge, 2006.

DOUGLAS, K. M.; SUTTON, R. M. Climate change: Why the conspiracy theories are dangerous. **Bulletin of the Atomic Scientists**, v. 71, n. 2, p. 98-106, 2015.

FLECK, L. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

- GARWOOD, C. **Flat earth: the history of an infamous idea**. London: Pan Books, 2013.
- GARWOOD, C. Alfred Russel Wallace and the flat earth controversy. **Endeavour**, v. 25, n. 4, p. 139-143, 2001.
- HAMPDEN, J. **The Popularity of Error and the Unpopularity of Truth**. Swindon: Alfred Bull, 1869
- HARAMBAM, J. Against modernist illusions: why we need more democratic and constructivist alternatives to debunking conspiracy theories. **Journal for Cultural Research**, v. 25, n. 1, p. 104-122, 2021.
- HARAMBAM, J.; AUPERS, S. 'I Am Not a Conspiracy Theorist': Relational Identifications in the Dutch Conspiracy Milieu. **Cultural Sociology**, v. 11, n. 1, p. 113-129, 1 mar. 2017.
- HARAMBAM, J.; AUPERS, S. Contesting epistemic authority: Conspiracy theories on the boundaries of science. **Public Understanding of Science**, v. 24, n. 4, p. 466-480, 2015.
- HOFSTADTER, R. **The paranoid style in American politics**. New York: Knopf Doubleday Publishing Group, 2008.
- JAMES, W. Hábito. Tradução: GUTMAN, G. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, Ano VII, n. 04, p. 200-213, 2004.
- KALIL, I. *et al.* Politics of fear in Brazil: Far-right conspiracy theories on COVID-19. **Global Discourse**, v. 00, n. 00, p. 01-17, 2021.
- JOLLEY, D.; DOUGLAS, K. M. Prevention is better than cure: Addressing anti-vaccine conspiracy theories. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 47, n. 8, p. 459-469, 2017.
- JOLLEY, D.; DOUGLAS, K. M. The effects of anti-vaccine conspiracy theories on vaccination intentions. **PLoS ONE**, v. 9, n. 2, 2014.
- JOLLEY, D.; MELEADY, R.; DOUGLAS, K. M. Exposure to intergroup conspiracy theories promotes prejudice which spreads across groups. **British Journal of Psychology**, v. 111, n. 1, p. 17-35, 2020.

LANTIAN, A. *et al.* Stigmatized beliefs: Conspiracy theories, anticipated negative evaluation of the self, and fear of social exclusion. **European Journal of Social Psychology**, v. 48, n. 07, p. 939-954, 2018.

LATOUR, B. **A ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LATOUR, B. **Investigação sobre os modos de existência**: uma antropologia dos modernos. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

LATOUR, B. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza do Antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede-Salvador: EDUFBA, 2012.

LIMA, N. W. *et al.* Educação em Ciências nos Tempos de Pós-Verdade: Reflexões Metafísicas a partir dos Estudos das Ciências de Bruno Latour. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 19, s. n., p. 155-189, 2019.

MARINELLI, F. O terraplanismo e o apelo à experiência pessoal como critério epistemológico. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 3, p. 1173-1192, dez. 2020.

MARTINS, A. F. P. Terraplanismo, Ludwik Fleck e o mito de Prometeu. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 3, p. 1193-1216, dez. 2020.

MILNER, R.; SHERMER, M. Wallace and the Flat Earthers. **Skeptic Magazine**, v. 20, n. 3, p. 34-37, 2015.

NAPOLITANO, M. G.; REUTER, K. What is a Conspiracy Theory? **Erkenntnis**, s. v., s. n., s. p., 2021.

PEIRCE, C. S. **The essential Peirce**, v. 1. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

ROGERS, R. **Digital methods**. Cambridge: MIT Press, 2013.

SANTAELLA, L. As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. **Psicologia USP**, v. 10, n. 02, p. 25-30, 1999.

SHAHEED, M. N. Conspiracy Theories and Flat Earth Videos on YouTube. **The Journal of Social Media in Society**, v. 8, n. 2, p. 84, 2019.

TOLLEFSON, J. Tracking QAnon: how Trump turned conspiracy-theory research upside down. **Nature**, v. 590, s. n., p 192-193, 2021.

TUTERS, M.; JOKUBAUSKAITĖ, E.; BACH, D. Post-Truth Protest: How 4chan Cooked Up the Pizzagate Bullshit. **M/C Journal**, v. 21, n. 03, s. p., 2018.

VENTURINI, T. Diving in magma: How to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

VENTURINI, T. Building on faults: How to represent controversies with digital methods. **Public Understanding of Science**, v. 21, n. 7, p. 796-812, 2012.

VENTURINI, T.; LATOUR, B. The Social Fabric: Digital Traces and Quali-quantitative Methods. In: **Proceedings of Future En Seine**, 2009.

VENTURINI, T.; MUNK, A. **Controversy mapping: a field guide**. London: Polity Press, 2021.

WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WOOD, J. E.; OLIVER, T. Medical Conspiracy Theories and Health Behaviors in the United States Depression and Clinical Inertia in Patients With Uncontrolled Hypertension. **JAMA Internal Medicine**, v. 174, n. 5, p. 817-818, 2014.

WOOD, M. J. Some Dare Call It Conspiracy: Labeling Something a Conspiracy Theory Does Not Reduce Belief in It. **Political Psychology**, v. 37, n. 5, p. 695-705, 2016.

ZOLLO, F. *et al.* Debunking in a world of tribes. **PLoS ONE**, v. 12, n. 7, p. 1-27, 2017.

ZOUMPOURLIS, V. *et al.* The COVID 19 pandemic as a scientific and social challenge in the 21st century. **Molecular Medicine Reports**, v. 22, n. 4, p. 3035-3048, 2020.



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).